

Universidade pública, elitista?

José Murilo de Carvalho

Monica Grin*

Departamento de História,
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Meias-verdades podem ter conseqüências tão funestas quanto mentiras. A universidade pública virou saco de pancada. Uma das acusações mais comuns lançadas contra ela, e que se lê quase diariamente nos jornais, é que se destina apenas aos brancos, filhos da elite e ex-alunos das escolas particulares de ensino médio. Trata-se de meia-verdade. A verdade é que no total de alunos predominam pessoas das classes média e alta e que essa predominância é grande em alguns cursos – em geral os de bacharelado, formadores de profissionais liberais –, como arquitetura, odontologia, medicina, engenharia e direito. A mentira está em aplicar a afirmação a toda a universidade. Em muitos cursos, incluindo quase todos os de licenciatura, a presença de representantes de minorias é substantiva, ultrapassando mesmo, no que se refere aos negros, ou pretos (segundo o dicionário *Aurélio*, negro significa “de cor preta”), sua participação na população.

Nesse tipo de debate, é preciso ir aos números para evitar impressionismos. Já existem dados suficientes para o esboço de um retrato mais fiel da situação. Usamos aqui os da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2002 para cor e renda, os do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP) referentes ao Exame Nacional de Cursos (ENC), aplicado aos formandos de 2003, os da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) de 2003 e uma pesquisa recente do Departamento de História dessa universidade aplicada aos alunos matriculados. Nesta última, responderam ao questionário 733 alunos, 70% do total de 1.058 matriculados, 509 no turno diurno, 549 no noturno. A margem de erro é de 1,6%. Vamos dividir a discussão em quatro blocos: cor, renda, origem escolar, e escolaridade dos pais dos universitários. A cor é sempre medida pela autoclassificação.

*Os dados utilizados neste artigo foram levantados e organizados por Dorvalino dos Anjos. [Também do Departamento de História da UFRJ? É funcionário técnico-administrativo, aluno de pós-graduação etc?].

Cor

Começamos pela pesquisa do Departamento de História da UFRJ, que compara a composição, por cor, do alunado com a dos habitantes do estado do Rio de Janeiro (figura 1).

Cor	RJ (A)	História/ diurno (B)	Diferença % (B/A)	História/ noturno (C)	Diferença % (C/A)
Branca	61	70	+9	52	-9
Preta	10	6	-4	15	+5
Parda	28	22	-6	31	+3
Am./Ind.	1	2	+1	2	+1

Fontes: PNAD 2002; Departamento de História da UFRJ

Nota: Os dados para amarelos (Am.) e indígenas (Ind.) foram computados conjuntamente.

Figura 1. Percentuais, por cor, da população do Rio de Janeiro e dos alunos do Departamento de História da UFRJ

[Por que nas colunas 'Diferença (%)', tem-se B/A e C/A? Não deveria ser B-A e C-A? O mesmo problema aparece em outras tabelas deste artigo.] Assim está nos livros de estatística. Nada contra alterar.

Os dados quase dispensam comentários. Se na parte diurna há sobre-representação de brancos, no turno da noite há sobre-representação de negros e amarelos, sub-representação de brancos e pardos. No entanto, as discrepâncias entre a população do estado e a turma da noite são muito pequenas, podendo-se dizer que a última representa com bastante fidelidade a primeira. O caráter democrático da composição por cor do turno da noite confirma-se ao examinarmos os dados nacionais (figura 1A).

Cor	Brasil (A)	ENC/03 (B)	Dif.% (B/A)	Diurno (C)	Dif. % (C/B)	Noturno (D)	Dif. % (D/B)
Branca	54	73	+19	70	-3	52	-21
Preta	6	4	-2	6	+2	15	+11
Parda	38	20	-18	22	+2	31	+11
Am./Ind.	1	3	+2	2	-1	2	-1

Fontes: INEP/ENC 2003; Departamento de História da UFRJ

Nota: 1% de brasileiros não declarou a cor.

Figura 1A. Percentuais, por cor, da população brasileira, de alunos que prestaram o ENC e de estudantes do Departamento de História da UFRJ

[Também aqui não deveríamos ter, nas colunas ‘Dif. %’, B-A, C-B e D-B? Atenção, Arte: Nesta e nas demais tabelas, usar ‘ENC/2003’ no lugar de ‘ENC/03’; ‘Diferença %’ no lugar de ‘Dif.%’; ‘História diurno’ e ‘História noturno’ no lugar de ‘Diurno’ e ‘Noturno’.]

A tabela mostra que há substancial sobre-representação de brancos e sub-representação de pardos entre os alunos que completaram o curso superior em 2003. Mostra ainda que o turno diurno aproxima-se dos resultados gerais do ENC, mas com menor sub-representação de negros e pardos. A presença de negros no turno diurno é idêntica à que se verifica na população do país. O turno da noite, no entanto, discrepa muito do ENC. Nele, é muito maior a representação de negros e pardos e menor a de brancos. Em relação aos dados da população nacional, o turno da noite é um pouco menos branco, menos pardo, e muito mais negro. A representação dos negros é quase o dobro da existente na população nacional. Os dados do ENC de 2003 permitem ampliar a comparação levando em conta os diversos cursos (figura 1B).

Cursos	Branco(a)	Negro(a)	Pardo(a) / mulato(a).	Amarelo(a)	Indígena	S/I
TOTAL	72,1	3,6	20,4	2	1	0,9
Arquitetura e Urbanismo	83,9	1,0	10,2	3,5	1,3	0,2
Odontologia	81,2	0,8	11,5	4,0	0,5	1,9
Engenharia Mecânica	80,6	2,3	12,2	4,1	0,5	0,2
Medicina Veterinária	81,2	1,1	11,8	3,5	0,9	1,5
Direito	79,9	2,4	13,6	2,0	0,7	1,5
Farmácia	79,8	1,1	13,5	3,3	0,7	1,6
Psicologia	79,5	2,2	14,0	2,0	1,0	1,4
Administração	78,3	2,3	16,1	2,5	0,6	0,2
Jornalismo	78,2	3,3	15,1	1,7	1,4	0,4
Medicina	78,0	1,0	14,9	4,1	0,4	1,6
Engenharia Química	77,8	2,1	14,8	4,3	0,7	0,3
Engenharia Civil	77,6	2,0	16,6	3,0	0,6	0,2
Engenharia Elétrica	77,4	2,1	14,2	5,7	0,5	0,2
Agronomia	75,8	1,9	15,4	3,6	0,6	2,7
Fonoaudiologia	74,5	1,9	19,6	1,7	0,8	1,6
Economia	72,9	3,6	20,7	1,8	0,8	0,2
Ciências Contábeis	71,9	3,4	22,0	1,9	0,6	0,2
Química	70,8	4,0	22,2	1,9	0,8	0,3
Biologia	69,0	3,3	23,4	1,8	1,1	1,5

Enfermagem	67,6	4,9	23,1	1,7	0,8	1,9
Pedagogia	64,9	5,5	26,8	1,1	1,4	0,4
Física	64,4	5,3	24,3	2,3	1,3	2,6
Letras	61,9	5,6	28,8	1,1	1,2	1,4
Matemática	61,8	5,4	30,0	1,4	1,2	0,2
Geografia	56,4	6,5	33,2	1,1	1,6	1,3
História	55,5	8,5	31,4	0,9	2,0	1,7

Fonte: INEP/ENC 2003

Figura 1B. Percentuais de formandos em 2003, por curso e cor e por ordem de 'escurecimento'

[O que significa a coluna S/I? Por que as linhas horizontais não incluem essa coluna? Por que em alguns trechos da tabela a linha horizontal foi omitida?] S/I é convenção de notação estatística. Significa sem informação. Não existe na horizontal porque as informações estão completas. A linha horizontal às vezes some por barbearagem do digitador.

Fica óbvio que há grande variedade entre os cursos no que diz respeito à composição, por cor, do corpo estudantil. A porcentagem de formandos brancos nos 26 cursos avaliados em 2003 varia de 84% em Arquitetura e Urbanismo, os campeões de branquidão, até 55% em História, o campeão de negritude, uma diferença de quase 30%. O curso de História tem ainda a mais alta porcentagem de negros (8,5%), acima da participação dos negros na população nacional. A maior presença de pardos se verifica em Geografia, muito próxima de História em matéria de cor. Nesses dois cursos, a representação dos brancos se aproxima daquela encontrada na população, a dos negros a supera, a dos pardos fica abaixo cerca de cinco pontos percentuais.

Em contraste, os quatro campeões de elitismo (Arquitetura e Urbanismo, Odontologia, Engenharia Mecânica e Medicina Veterinária) têm mais de 80% de brancos, baixa presença de negros e pardos e uma super-representação de amarelos de origem oriental (mais que o dobro de sua presença na população do país). O turno da noite de História da UFRJ confirma a tendência nacional dos cursos de história e acentua ainda mais a presença de negros. Em matéria de composição por cor, fica claro que dois fatores são importantes: o tipo de curso e a existência de horário noturno. Um terceiro fator pode ser acrescentado: a categoria administrativa das instituições de ensino, como mostra a figura 1C.

Categoria administrativa	Branco(a)	Negro(a)	Pardo(a) / mulato(a)	Amarelo(a)	Indígena
Federal	61,0	4,4	30,3	1,4	1,8
Estadual	59,2	5,3	30,5	3,3	1,0
Municipal	78,7	2,6	15,3	1,6	0,8
Pública	62,3	4,5	28,3	2,2	1,4
Privada	76,9	3,1	16,5	1,9	0,7
Brasil	72,1	3,6	20,4	2,0	1,0

Fonte: INEP/ENC

Figura 1C. Percentuais de formandos em instituições de ensino superior brasileiras, por cor e categoria administrativa.

[A média dos percentuais das universidades federais, estaduais e municipais não deveria corresponder ao percentual apresentado na linha referente à categoria ‘Pública’? Não entendi o uso das linhas que separam as categorias administrativas. Pressupõe-se que a tabela apresente dados sobre instituições públicas, privadas e Brasil e que, entre as públicas, estejam as instituições federais, estaduais e municipais.] A apresentação pode ser melhorada, mostrando federal, estadual e municipal como subdivisões de pública. Quanto à média, tem razão, temos que voltar à base de dados do ENC.

As universidades públicas federais e estaduais são menos brancas do que as particulares. É intrigante e pede explicação o fato de as públicas municipais não seguirem o mesmo padrão, sendo mais elitistas do que as instituições privadas.

Note-se, por fim, neste capítulo da cor, que mudanças rápidas estão ocorrendo nos últimos anos. Dados do INEP para os exames de 2000 e 2003 comprovam a afirmação. A comparação só é possível para os 18 cursos avaliados em 2000. Segundo os dados, de 2000 para 2003 todos os 18 cursos apresentaram redução na presença de brancos entre os formandos. O percentual de brancos de nossa conhecida branquela, a Odontologia, caiu de 86% para 81%, e o de pardos aumentou de 8% para 11%. O curso menos branco em 2000 era Letras (71%). Em 2003, os brancos nesse curso estavam reduzidos a 62%, os negros tinham passado de 4% para 6%, e os pardos de 22% para 29%. São mudanças substantivas, verificadas em curto período e sem a interferência de políticas afirmativas.

Renda

A universidade pública é só para ricos? Compare-se, a propósito, a renda média familiar, em salários mínimos (SM), dos alunos da UFRJ e do Departamento de História dessa universidade com a das famílias do Rio de Janeiro (figura 2).

Renda média	RJ (A)	UFRJ (B)	Dif. % (B/A)	Diurno (C)	Dif. % (C/B)	Noturno (D)	Dif. % D/C
Até 3 SM	37	11	-26	13	+2	18	+5
3 a 10 SM	42	40	-2	48	+8	52	+4
10 a 20 SM	11	24	+13	23	-1	19	-4
+ 20 SM	6	23	+17	13	-10	7	-6
Sem declaração / Sem rendimento	4	2	-2	3	+1	4	+1

Fontes: PNAD 2002; UFRJ e Departamento de História da UFRJ

Figura 2. Percentuais de renda média das famílias do Rio de Janeiro, dos alunos da UFRJ e do Departamento de História dessa universidade, em salários mínimos

[Há incoerência de formatação entre as tabelas. As anteriores são vazadas nas laterais e suas colunas não são separadas por traços; a apresentada imediatamente acima e as que seguem abaixo fogem a esse padrão. Também aqui deveríamos ter, nas colunas 'Dif. %', B-A, C-B e D-C.] Por favor, uniformize. Os autores contavam com esta ajuda da editoração.

A renda média dos alunos obviamente não reflete a da sociedade. Seria delirante esperar que os 37% com renda média familiar de até três salários mínimos no estado do Rio de Janeiro estivessem representados na mesma proporção na universidade. Essas pessoas não completam o ensino médio. Querer que estejam na universidade equivale a propor que passem diretamente do ensino fundamental para o superior. Ainda não apareceu quem proponha isso. Mais da metade dos alunos da UFRJ vem de famílias com renda média de até 10 salários mínimos. No caso dos alunos de História, a porcentagem sobe para 61% (diurno) e 70% (noturno). Não se trata exatamente de uma elite econômica. Os dados do ENC de 2003 revelam quadro parecido (figura 2 A). Na verdade, o ENC mostra que o nível de renda dos formandos de 2003 é inferior ao dos alunos matriculados na UFRJ.

Renda média	Brasil (A)	ENC* (B)	Dif. % B/A	UFRJ (C)	Dif. % (C/B)
Até 3 SM	47	27	-20	11	-16
3 a 10 SM	37	44	+7	40	-4

10 a 20 SM	9	18	+9	24	+6
+ 20 SM	5	12	+7	23	+11
Sem declaração/Sem rendimento	2	-	-	2	-

Fontes: PNAD 2002; INEP/ENC; UFRJ; Departamento de História da UFRJ
*Universidades públicas.

Figura 2A. Percentuais de renda média das famílias brasileiras, dos alunos que prestaram o ENC e dos estudantes da UFRJ, em salários mínimos

Como acontece com a cor, aqui também a variação entre os cursos é grande. Há cursos definitivamente de elite ao lado de outros quase proletários (figura 2B).

Renda média	Medicina	Odontologia	Direito	Letras	História*	Pedagogia
Até 3 SM	7	5	8	27	43	44
3 a 10 SM	27	32	35	54	43	46
10 a 20 SM	27	36	29	13	9	7
+ 20 SM	38	26	28	4	4	2
Sem declaração / Sem rendimento	1	1	1	2	1	1

Fonte: INEP/ENC universidades públicas; Departamento de História da UFRJ
* Noturno e diurno somados.

Figura 2B. Percentuais de renda média familiar de formandos em 2003, por cursos, em salários mínimos

[O * que aparece como nota não foi chamado na tabela. Ele se refere apenas ao curso de História ou também a outros, como Letras, Pedagogia etc.?] Refere-se apenas a História.

Como era de esperar, nos cursos de Medicina, Odontologia e Direito há mais estudantes brancos e com maior renda média familiar. Os mais democráticos são os que formam professores para o ensino médio. O curso de Pedagogia é o menos elitista na seleção da tabela. A diferença é abissal: há 37% mais alunos de Pedagogia na faixa de até três salários mínimos do que em medicina e 36% menos no topo superior de renda. Cerca de 90% dos alunos de História e Pedagogia vêm de famílias cuja renda média mensal não ultrapassa 10 salários mínimos.

Considerando apenas os alunos de História, vê-se que o quadro nacional é ainda menos elitista do que o da UFRJ, uma vez que apresenta maior concentração de alunos na faixa de até três salários mínimos, inclusive nas universidades particulares (figura 2C).

Renda média	INC	INC	UFRJ	UFRJ
-------------	-----	-----	------	------

	Públicas	Particulares	diurno	noturno
Até 3 SM	43	31	13	18
3 a 10 SM	43	50	48	52
10 a 20 SM	9	12	23	19
+ 20 SM	4	5	13	7
Sem declaração/Sem rendimento	1	2	3	4

Fonte: INEP/ENC; Departamento de História da UFRJ

Figura 2C. Percentuais de renda média familiar de estudantes de História em instituições públicas e privadas, em salários mínimos **[O que significa INC?] Erro de digitação. É ENC.**

Origem escolar

Passemos a outro cavalo de batalha dos críticos da universidade pública: a origem escolar dos alunos, isto é, o tipo de escola freqüentada no nível médio. É conhecido o chavão segundo o qual a escola superior pública e gratuita serve aos alunos brancos e ricos que cursam boas escolas particulares no ensino médio. Vejamos os dados apresentados na figura 3.

Escola	ENC*	UFRJ	Diurno	Noturno
Escola pública	47	32	35	58
Escola particular	35	60	65	41
Pública + Particular	18	6	0	1

Fontes: INEP/ENC; UFRJ; Departamento de História da UFRJ

*Universidades públicas.

Figura 3. Percentuais de alunos da UFRJ, dos cursos do Departamento de História e dos que se submeteram ao ENC, segundo o tipo de escola de origem

[Sugiro, por questão estética, substituir na tabela a expressão 'Parte pública/parte particular', por 'Pública + Particular'.] Estética e decência.

No ENC, quase a metade dos alunos vem de escola pública e 65% cursaram pelo menos parte do ensino médio nessas escolas **[Por que 82%? O percentual de alunos que passaram pela escola pública e prestaram o ENC não deveria resultar da soma 47 (escola pública) + 18 (parte pública/parte particular)? Erro de digitação. A soma dá 65%. A soma dos percentuais apresentados na coluna UFRJ não deveria ser 100?]**. Freqüentemente, a soma não é exatamente 100% por causa de arredondamentos e dos que não respondem. Se necessário, pode-se acrescentar uma nota na primeira

tabela valendo para todas. Na UFRJ, há maior concentração de estudantes oriundos da escola particular, fenômeno que inclui a turma diurna de História. Mas, no turno da noite, 60% dos alunos vêm da escola pública. A propósito desse e dos outros itens até agora discutidos, pode-se, portanto, concluir que o quadro apresentado pelas universidades públicas é muito menos simplista e perverso do que se pinta. **[Acho que caberia aqui alguma explicação, para que o leitor possa entender a conclusão expressa na afirmação “o quadro é muito menos simplista e perverso do que se pinta”]. Alterada a frase. Pode-se também tirá-la pois, de fato, se encaixaria melhor em conclusão final.**

Escolaridade dos pais

A acusação de elitismo da universidade pública completa-se com a afirmação de que, ao favorecer os brancos e ricos, ela se torna fator de reprodução da desigualdade social. Pode-se refutar a acusação a partir da análise da escolaridade dos pais, que mede a mobilidade educacional dos alunos (figura 4).

Escolaridade do pai	ENC	UFRJ	Diurno	Noturno
Nenhuma	7	3	0	1
Até 8 anos	53	18	16	36
Até 11 anos	76	41	40	64
Menos de 15 anos	76	49	53	74

Fonte: INEP/ENC; UFRJ; Departamento de História da UFRJ

Figura 4. Percentuais de alunos da UFRJ, dos cursos do Departamento de História e que se submeteram ao ENC, segundo a escolaridade do pai.

[Achei difícil interpretar esta tabela. Parece que os dados são cumulativos e, assim, a soma dos percentuais de cada coluna não perfaz 100]. Os dados referem-se aos pais que tiveram escolaridade menor que a dos filhos, especificando os que completaram no máximo o fundamental (até 8 anos), no máximo o médio (até 11 anos), e todos os que não chegaram a completar o superior (menos de 15 anos). Sugestão para dar maior clareza será bem-vinda.

[Por que na legenda da figura aparece ‘Escolaridade dos pais’ (*pais*, no plural) e na coluna mais à esquerda da tabela, ‘Escolaridade do pai’ (*pai*, no singular)? Como é calculada essa escolaridade: média aritmética simples entre a escolaridade do pai e da mãe?] A tabela trata da escolaridade do pai. O título da seção menciona pais porque o texto fala também na escolaridade da mãe. Talvez ficasse mais claro se o texto falasse sempre em pai em vez de pais.

[Na coluna ‘Escolaridade do pai’ não seria melhor usar as faixas ‘Nenhuma’, ‘Até 8 anos’, ‘De 9 a 11 anos’ e ‘Até 15 anos’, por exemplo. Não sei, porém, se nesse caso os percentuais se alterariam.] Seria melhor, mas as bases de dados não permitem distinguir dessa maneira.

Os dados do ENC mostram que mais da metade dos formandos de 2003 tinha pais que não passaram do ensino fundamental. Na UFRJ, os dados são menos dramáticos, mas significativos no curso noturno de História (36%). No ENC, os alunos com alguma mobilidade ascendente chegavam a 76%, eram 49% na UFRJ e 74% no curso noturno de História. É fantástica a taxa de mobilidade educacional ascendente possibilitada pela universidade pública. No conjunto do ENC, ela chega a superar a do curso noturno de História da UFRJ. Mesmo assim, nesse último, segundo informação não incluída na tabela, 24% dos alunos são filhos de pais que não completaram o ensino fundamental **[Esse percentual não aparece na coluna que diz respeito ao curso noturno de História da UFRJ.]Mudada a frase.** Deram um salto extraordinário. Se tomada a escolaridade da mãe, a mobilidade ascendente é ainda maior. **[Esta última frase leva a crer que a escolaridade dos pais de que trata a tabela é medida com base na escolaridade do pai unicamente. É isso mesmo? Se for, é preciso alterar a redação da legenda da figura 4, que deverá ser: ..., segundo a escolaridade do pai.] Certo.** **[Nesse caso, retiro a pergunta sobre o cálculo da escolaridade dos pais.]**

Os dados poderiam ser expandidos e submetidos a análises mais finas. Como estão, bastam para demonstrar que a campanha contra a universidade pública esconde tanto quanto revela, se não mais, e não presta serviço ao país. A universidade pública – falamos sobretudo das federais – tem muitos problemas e precisa de reformas. Mas será desastroso ignorar suas virtudes, inclusive no que diz respeito à dimensão social. Aí, é necessário distinguir sempre o curso de que se está falando. Pode-se dizer mesmo que o problema não é tanto entrar na universidade pública, mas entrar nos cursos de elite do bacharelado. O exemplo do Departamento de História também mostra que basta exigir que todas as universidades públicas ofereçam cursos noturnos em condições adequadas para que efeitos dramáticos se produzam. No caso dos cursos de elite, não basta também admitir alunos carentes baixando as exigências da seleção. É preciso oferecer bolsas. Admiti-los, com ou sem cota, sem lhes dar condições de estudar é demagógico e cruel. No próprio curso de História da UFRJ, o número de alunos bolsistas é ridículo: 4% no diurno, 1% no noturno.

A universidade pública não está perdida. A qualidade de seu ensino e de sua pesquisa é boa, muito melhor que a da universidade particular. Na dimensão social, algumas mudanças em pontos estratégicos podem produzir melhorias significativas em curto prazo. O de que ela não precisa são propostas mirabolantes e métodos truculentos de reforma, do tipo “o pau vai comer”.

(Publicado em *Ciência Hoje*, 34, 203 (abril 2004), 16-20).